

Introdução

Ha quanto tempo esta estória se passou, pouco importa, pois ao escrevê-la temos em mente mostrar como é fácil aos seres humanos cruzarem a tênue linha que separa a vida da morte, o amor do ódio, a luz das trevas, a sanidade mental da loucura. Ela se passou ha pouco mais de mu anos e no principio foi guiada pelo destino e no final, por homens. Muitos podem dizer que é impossível que isso tenha acontecido.

Nós dizemos: aconteceu!, e ficou como uma página negra no grande livro dos iniciados na origem que servem ao Grande Oriente Luminoso. Ela revela o porque das coisas e o que causa nos espíritos imortais certas ações impensadas praticadas por homens muito sábios, preocupados com a ordenação material do mundo. Tal ordenação nunca deve ser confiada a um místico, porque as razões que o guiam não são as dos políticos, que são boas na origem, ótimas no meio, mas às vezes incompreensivas na aplicação, e portanto, inaceitáveis por muitos.

O Oriente Luminoso tem como princípio que um iniciado deve ater-se unicamente aos princípios e meios e nunca, mas nunca mesmo, aos fins, pois nesta parte da vivência de um desígnio, quase sempre extrapola-se os limites e dá-se vazão a uma poderosa força, que tanto pode ser benéfica como maligna.

Aqui mostraremos o inicio, meio e fim de uma missão confiada a um iniciado na origem que não viu quando era hora de parar e avançou o seu limite, dando vazão a todo o seu potencial destrutivo, quando caminhava a esquerda do Criador. Não sofreu uma queda major porque o Criador achou que ainda poderia usa-b na Luz, mas não podemos dizer que caiu pouco, pois para alguém da quinta esfera regredir a quarta é a major das quedas. Quem alcança a quinta esfera, só em raríssimas e muito tristes encarnações é levado a queda.

Pois vamos chamar este iniciado de Kaled Saied. D nascimento, um muçulmano, no meio, um sábio, e no fim, um ser toihido pela loucura.

Kaled Saied nasceu no pals que hoje chamam de Afeganistao e aos onze anos abandonou sua famllia e foi a India. Al inicia-se sua triste missão rumo ao Tibete dos mestres da Luz, mestres esses que dali haviam sido expulsos pelos chineses, numa ocupação perversa que já durava cem anos. Pois foi mais longo o tempo que o iniciado na origem vagou na escuridão do meio após sua queda, por ter tomado em suas mãos o destino que não the pertencia.

Se tudo isto pode parecer pouco para alguém que extrapolou seus timites, então acompanhem a caminhada na Luz e depois nas Trevas de Kaled Saied, e verão como tudo começa, desenvolve-se e termina ao infringirmos os limites que a Lei Major impOe aos seres humanos.

Benedito de Aruanda

A Grande Tempestade

Existem noites claras e noites escuras, luas brilhantes e as vezes, nem tanto. Aquela era uma noite horrível, pois o céu estava coberto por nuvens negras e os relâmpagos cortavam os ceus, criando clarões aterradores que infiltravam-se nas casas pelas frestas das portas e janelas. Os trovões assustadores não cessavam e a chuva torrencial prenunciava grandes inundações e devastações no grande vale onde nascia, sob a tempestade, Kaled Saied.

Aquela noite já era um prenúncio de uma existência atormentada para quem ousasse nascer nela. E Kaled Saied ousou vir a luz da vida justamente naquela noite.

Mas o que encontrou assim que saiu do ventre materno não foi luz e sim uma longa noite de pavor para todos os moradores do extenso vale. Ele ousou deixar a proteção do útero e sair justamente numa noite em que os elementos estavam agitados ao extremo. O ar arrancava árvores e agitava a água que caía torrencialmente, a terra era trepada pela força das águas e o fogo se fazia presente nos raios que calam e fulminavam as pequenas construções e árvores no campo.

Realmente! Aquela não era uma boa noite para nada, e muito menos ainda para se nascer. Mas o destino quis que justamente nela Kaled Saied viesse a tuz, ou as trevas. Quem poderia dizer ao certo o que planejava o destino ao fazer o que não se faz presente aos olhos humanos? Portanto, não vamos discutir as razões que o levaram a lançar no meio de uma tormenta um ser luminoso como o que naquela noite vinha a luz da vida. Nós diríamos que um ser luminoso foi lançado às trevas da morte para uma missão cruel e sangüinária.

Eram mais ou menos nove horas da noite, quando o parto iniciou sua fase final e demorou quase uma hora para terminar. Os gritos de dor de uma encorpada mulher misturavam-se aos de medo e as orações aflitas dos que abrigavam-se sob aquele teto. O vento fazia a luz da lamparina a óleo quase extinguir-se, para logo a seguir crescer novamente e iluminar um pouco o corpo da pobre mulher. Quando finalmente o menino nasceu, a mulher acalmou-se um pouco.

Então iniciou-se o choro da criança recém-nascida, que misturava-se ao das outras crianças ainda pequenas.

Naquela pequena construção, viviam várias pessoas e na maioria eram todas crianças ainda. O que acabara de nascer era o sétimo filho daquela casa, onde o mais velho contava com apenas quatorze anos.

Mal haviam terminado de limpar a criança e envolvê-la numa pequena manta, a água começou a entrar pela porta. O vale estava inundando-se com a chuva torrencial. O pequeno riacho que brotava nas montanhas e o cortava no meio já não existia mais. Em seu lugar havia agora um extenso lago que cobria tudo. E agora as águas chegavam à porta daquela casa, já aflita com o nascimento de uma criança numa noite tão imprópria, um acontecimento que em outras condições só traria alegria e comemorações.

Assim que abriu a porta, o chefe da casa assustou-se e começou a gritar a todos que apressassem a fuga da habitação, pois a casa seria coberta pelas águas em pouco tempo. Foram momentos de pânico e os choros misturavam-se aos gritos de desespero. Um apanhava uma trouxa de roupas, outro alguns alimentos e alguns utensílios domésticos, outro ainda apanhava uma manta de couro de ovelhas ou peles de animais selvagens. O pai do jovem Kaled amparava sua mãe num braço e no outro segurava um outro filho, ainda de apenas dois anos de idade. Foi assim que saíram para o meio da tempestade inclemente.

A mãe carregava o recém-nascido envolto numa pele em seus braços. Não tiveram tempo de proceder à limpeza pós parto e o sangue corria por suas pernas encharcando suas vestes longas e tingindo-as de vermelho, pois o forte vento agitando a chuva molhou-a em segundos. Todos subiam a encosta do vale à procura de um abrigo natural esperando o fim da chuva.

Do alto das encostas verdadeiros riachos corriam rumo ao já grande lago formado no meio do vale. As crianças iam na frente e o casal com os dois filhos menores, atrás. Desviavam das enxurradas como podiam, pois a escuridão era total. Com a ação da ventania e a chuva que caía, nada se enxergava. O impacto das águas no rosto doía e tinham que proteger os olhos se quisessem ver onde pisavam.

Já haviam se afastado o bastante do lugar inundado, mas agora tentavam chegar a uma saliência nas rochas, que os protegesse da chuva e os colocasse em segurança. Foi neste momento que o filho mais velho, que ia na frente com um irmão de quatro anos no colo e uma trouxa de roupas numa mão gritou desesperado. Pisara num barranco e este deslizou por onde corria a enxurrada misturada a pedras de todo tamanho.

O pai gritou por ele e ainda viu os seus dois filhos serem arrastados encosta abaixo pelas águas num clarão criado por um raio que cortou o céu. Não podia salvar a mulher e o filho que estava em seu colo, senão eles também seriam levados pelas águas. O desespero tomou conta dele, que gritou pela misericórdia de Ala para que salvasse seus filhos arrastados pelas águas abaixo. Assim que viu um lugar firme, deixou a esposa e os dois filhos em seus braços e correu tentando ajudar os outros filhos. A escuridão e as águas turvando os olhos eram os piores inimigos em sua tentativa de salvá-los.

Num outro cenário, viu o corpo do filhinho de quatro anos preso em meio a duas rochas. Correu até ele mas já era tarde, pois assim que o tirou do meio delas viu em sua pequena cabeça um corte profundo, e o rosto coberto pelo sangue. Já estava morto pois batera de encontro as pedras e partira seu delicado crânio. Levou-o até onde estava a esposa, e saiu à procura do filho mais velho e o orgulho de seu nome.

Nova procura desesperada e nada de encontrá-lo. Nos segundos em que os relâmpagos clareavam todo o vale à sua frente, tentava ver o filho, mas nem sinal dele. Desceu até onde a pouco estava sua casa mas só viu água à sua frente. O imenso lago formado pela tromba d'água a cobria. Num forte clarão, viu corpos boiando nas águas que corriam no meio do vale. Já não se agitavam e deviam vir de todos os pontos do vale. Iniciou a subida olhando tudo à procura do filho mais velho. Acompanhou a vala por onde corria a enxurrada e nem sinal dele. Gritou várias vezes pela mãe até localizá-la e aos outros filhos e sua cunhada que morava com eles. Quando chegou junto deles, todos choravam muito e o pânico era maior ainda.

Decidido como sempre fora, gritou bravo que o acompanhassem. Tomou nos braços os dois filhos, o de quatro anos já morto e o de dois anos e os conduziu até um pequeno platô na encosta. O resto da sua família o acompanhou. Acomodou a todos ali e ficou a observar encosta abaixo, a procura do filho desaparecido. Aproveitava os clarões dos relâmpagos, mas o que via era um grande lago lá embaixo, que outrora era um vau vale.

Suas lágrimas corriam junto com a água que deslizava por suas faces. Ficou ali até que a chuva amainou e o céu clareou um pouco com o esvaziamento das nuvens. Então olhou para a esposa sentada junto à parede rochosa e os filhos agarrados a ela. Foi para junto deles e ficou ali à espera do fim da fina chuva que caía agora.

Por volta da meia-noite, o céu ficou quase limpo e cessaram as quedas de água. So o barulho das águas descendo a montanha à volta do vale se fazia ouvir agora, pouco a pouco até que cessou, e só o choro baixinho deles se fazia ouvir naquela parte do vale.

O homem estava sofrendo pela morte de dois dos seus filhos e preocupava-se com a esposa. Ela mal acabara de dar à luz e fora obrigada a sair na chuva, corria um risco de vida muito grande. Procurou cobri-la com todas as mantas de couro que haviam sido salvas da inundação, mas isto não impedia que ela sentisse os efeitos da chuva que tomara, e tremia muito. Ele e a cunhada fizeram o possível por ela, mas ao amanhecer ela tremia muito devido à febre que tomara conta do seu corpo.

Com o sol veio a visão da extensão da tragédia que se abatera sobre os moradores do vale. Ele estava todo alagado e as pequenas casas cobertas de água. A do homem já havia ficado livre da inundação, mas outras mais abaixo ainda permaneciam submersas. Muitos corpos boiavam na água.

Eles voltaram à casa e com desolação viram o barro por todos os lados. Fara sorte, trancara a porta antes de subir à encosta e agora ainda possuíam os seus utensílios, ainda que embarrados. Enquanto a cunhada e os filhos iam retirando-os e lavando, ela enterrava o filhinho morto e já rijo. Foi com desespero que cobriu seu corpo com a terra.

Outros moradores começaram a descer as encostas e alguns vieram até eles. Algumas mulheres formaram uma cozinha coletiva e começaram a preparar um pouco de comida, enquanto os homens tentavam resgatar os corpos no imenso lago que se formara à noite, ou recolher os que estavam deste lado do vale.

Sua esposa deitara-se ao lado de uma fogueira e se aquecia um pouco, quando alguém notou que ela estava imóvel. Após um exame rápido, viram que estava morta. A infeliz mulher não resistira aos tormentos de uma noite horrível e morrera após ser socorrida.

Foi mais um golpe para a família que já estava triste com a morte de um de seus membros e o desaparecimento de outro.

Ao entardecer, todos os moradores deste lado do vale haviam se concentrado à volta da casa do recém-nascido Kaled Saied. Uma mulher o amamentava no lugar da sua falecida mãe. Várias fogueiras foram feitas para cozinhar alimentos e assar algumas cabras apanhadas nas partes altas do vale, e que conseguiram salvar-se.

O vale quase secara durante a tarde e só algumas lagoas ainda restavam quando a noite chegou, mas o lamaçal impedia que continuassem a procurar os corpos dos que haviam sido mortos na tragédia.

Poucos eram os que não tinham perdido alguém, e muitas famílias simplesmente desapareceram e sem que seus corpos fossem encontrados.

No dia seguinte todos reiniciaram as buscas e alguns saíram a procura de alimentos pois haviam perdido os que guardavam nas suas casas. Alguns mais corajosos chegaram a tentar ir a aldeias próximas na esperança de conseguir ajuda para os habitantes do vale. Jam também em busca de sementes, pois as que possuíam, as águas estragaram.

Os dias iam passando e a vida voltava ao normal no vale. A alegria de antes havia desaparecido e todos caminhavam cabisbaixos e pensativos. O medo de nova inundação os preocupava e procuraram tomar algumas providências para impedir a repetição da tragédia.

Escolheram um lugar com proteção natural numa encosta e ali levantaram várias construções de pedra para que morassem todos num mesmo lugar. Iniciaram, em mutirão, a semeadura de alimentos e o rebanho de cabras e ovelhas passou a pertencer a todos. Foi a iníqua forma de se evitar brigas pela posse deles.

Ao fim de alguns meses, e após a mais abundante colheita já obtida no vale, todos começaram a readquirir a antiga alegria. Um casamento era motivo para tímidas danças e cantos, e assim tudo readquiria seu modo de ser de antes da enchente.

Mas numa casa não havia voltado alegria alguma. Era a do pequeno Kaled Saied. Seu pai o chamava de filho da tempestade e os irmãos também já o chamavam pelo apelido.

Como o pai o culpava pela morte da mãe e também por não poder ter salvo os dois filhos que morreram naquela noite, só a cunhada cuidava dele.

De uma forma ou de outra, sempre a conversa terminava com a condenação do pequeno Saied, fosse qual fosse o assunto abordado.

O bebê que sorria para sua nova mãe e não sabia que era de quem falavam ainda iria sentir muito por ter nascido numa noite de tempestade. Sua vida seria marcada pela noite do seu nascimento, pois o pai iria fazer isto com ele por não aceitar com naturalidade um acidente climático.

O Filho da Tempestade

Dois anos depois o vale readquirira sua alegria de antes e a prosperidade era geral. O rebanho comum a todos multiplicara-se, e as fartas colheitas eram motivo de alegria para seus moradores. Possuíam agora alimentos e peles guardadas numa caverna, numa encosta, e sólidos depósitos feitos de pedras repletos de alimentos. O medo de nova calamidade havia desaparecido com o alargamento da escoação natural das águas das chuvas.

Mas na casa de Saied, a alegria recusava-se a voltar, pois o chefe dela não passava um dia sem culpar o menino pela morte de sua esposa e dois filhos. Saied ainda não entendia, mas já atendia quando o chamavam de “filho da tempestade”. Kaled Saied era desconhecido para ele e só sua mãe adotiva o chamava de pequeno Saied.

Mais alguns anos se passaram e o pequeno Saied não sorria mais, pois já compreendia mais ou menos o que queriam dizer ao chamá-lo de “filho da tempestade”. Com oito anos, vivia afastado dos irmãos mais velhos e do pai.

Para ele, o pai não existia e mesmo que o procurasse, não conseguia uma palavra ou sorriso. Só a mãe adotiva lhe dava carinho e atenção. Ela havia se casado com o seu pai e já tinha dado à luz mais dois irmãos.

O pai e os irmãos iam cuidar das plantações e não o chamavam, nem as festas de dança e canto e o mesmo acontecia. Era evitado até pelos outros meninos da, agora, grande aldeia do vale. As vezes de sala de casa logo que amanhecia e subia pelas encostas até os lugares mais altos, escalando as partes mais íngremes das montanhas. Conseguia chegar a lugares impossíveis de serem alcançados pelos outros meninos. As vezes sala de manhã e só voltava à noite.

Ao entrar em sua casa não despertava a atenção de seu pai ou dos irmãos e se o conseguia era para ser xingado ou ofendido. Tentou unir-se ao bando de meninos que brincavam na aldeia, mas não conseguiu. Chegou mesmo a ser expulso com palavras ofensivas.

Pouco a pouco Kaled Saied só despertava o desprezo nos moradores da aldeia. Só o velho curandeiro o recebia e lhe dava alguma atenção.

Saied era então mandado por ele para colher serpentes, cascas, raízes e folhas de suas ervas medicinais. Ele o ajudava a prepará-las e sabia tudo sobre elas com dez anos de idade.

Não havia uma caverna ou garganta naquelas montanhas à volta do vale que Saied não conhecesse. Encontrava todo tipo de ervas que o velho curador lhe pedia e as preparava para ele. Umas selando, outras esmagando e ainda outras colocando em potes de água para curtir e dar ótimos remédios. Então o velho começou a deixá-lo vender suas ervas nas aldeias próximas.

Saied as preparava sob orientação do velho e ia um dia numa, outro noutra e o terceiro na Oltirna. Os outros quatro dias da semana passava colhendo-as e preparando, ou vendendo ali mesmo para ele. Já sabia receitar remédios para todos os tipos de doenças e o velho curador tinha esperanças de ele suceder no tão nobre cargo de curador da aldeia. Sempre dava algumas moedas a Saied, que as entregava à sua mãe adotiva. Ela nunca as deu ao seu marido e sim as guardava num lugar que só ela e Saied conheciam.

Quando ia vender suas ervas nas aldeia próximas, Saied logo acabava com elas pois além de vendê-las ainda receitava. Isto fazia com que, assim que estendia sua pele de cabra no chão batido e colocava as ervas à mostra, uma porção de pessoas o cercavam e iam pedindo as mais adequadas para as suas doenças ou de seus familiares. Ganhava sempre algumas moedas dos mais generosos que ficaram curados com seus medicamentos naturais. Ganhava sempre alguma roupa nova ou calçado e até mesmo algum animal doméstico.

Nas aldeias que ia vender, todos gostavam dele, mas o mesmo não acontecia na aldeia que ele morava. Aprendeu a ler e a escrever com o velho curador e já marcava nos potes os nomes dos preparados.

Certo dia tentou aproximar-se de garotos que brincavam alegremente e foi hostilizado por todos, até por um irmão dois anos mais novo.

Os mais novos eram aceitos pelos mais velhos, mas ele, Saied, não!

Teve que fugir depois de ter sido agredido. Encontrou o pai conversando com outros homens e chorando, perguntou-lhe:

— Pai, por que todos me odeiam tanto?

— Va para casa agora mesmo filho da tempestade ou apanhará de mim mais um pouco, vamos logo, filho!

Saied foi triste para junto da mãe e ela fez a mesma pergunta. Ela então contou-lhe a origem do seu nome. Não omitiu nada do menino. Quando terminou ele estava mais triste ainda e falou:

— Mãe, só a senhora gosta de mim nesta aldeia. Você me embora!

— Eu sabia que um dia você iria embora, mas não é melhor esperar mais alguns anos Saied?

— Já não aguento mais ver estas pessoas que só me odeiam e vivem fazendo gracejos comigo. Aqui, só a senhora e o velho curador gostam de mim. Vou para qualquer outro lugar onde ninguém me chame de filho da tempestade e não me odeiem.

— Fique mais um pouco Saied. Ainda é muito pequeno!

— Eu já viajo até as outras aldeias a quase um ano e sei

me conduzir sozinho mãe! Poderei colher ervas e vender nas feiras das aldeias por onde eu passar.

— Va antes falar com o velho curador ouça os conselhos dele, Saied.

lugar.

— Está certo, mãe!

Ele foi até o velho e contou-lhe que ia partir.

— Fique aqui sábio, com o tempo poderá ficar no meu

— Não adianta, velho! Ninguém irá me procurar quando ficar doente.

— Com o tempo tudo muda, Saied.

— Comigo não, velho! Se um dia alguém vier a morrer mesmo tendo tornado as ervas certas, you ser acusado de tê-lo matado. O senhor compreende isto?

— De certa forma tem toda razão, Saied. Antes de partir coíha ervas, cascas e ralzes para que eu passe algum tempo sem precisar sair atrás delas ou encontre outro menino que faça isto tão bem como você.

— Trarei tantas que o senhor ficará com a sua casa entupida delas.

— Você é um bom menino, Saied! Não compreendo como todos o hostilizam, se não tem culpa alguma pela morte dos seus irmãos ou da sua mãe.

Saied.

— Como foi aquela noite, velho?

— Sente-se que you contar-lhe como foi aquela noite,

E o velho contou tudo o que aconteceu na noite da maior tempestade que já havia visto em toda a sua vida. Quando terminou, Saied perguntou-lhe:

— Se tantos morreram naquela noite, por que meu pai veio a odiar-me? Será que se eu tivesse morrido e não os meus irmãos, ele sentiria tanto?

— Não sei dizer, Saied. Mas penso que devido a morte de sua mãe e seus irmãos ele fechou-se e não o aceitou como um dos filhos e sim como o causador de suas tristezas. Isto não é muito comum, mas acontece Saied!

— Mas logo comigo, velho?

— Paciência, Saied. Você não escolheu aquele noite para nascer e também não teve culpa por qualquer morte, portanto não se culpe de nada. Agora vá coíher minhas ervas.

Saied colheu por duas semanas todo tipo de coisa que o velho iria usar. Cumpru o que havia prometido e encheu sua casa de ervas, cascas, ralzes e sementes. Ajudou-o a preparar grandes potes de porcões e preparados, esmagou ou secou sementes e o deixou abastecido para quase um ano.

— Agora é hora de eu partir, velho!

— Volte amanhã cedo, Saied. Vou dar-lhe algumas coisas que lhe serão úteis no preparo dos medicamentos, caso você continue a prepará-los e receitá-los como tem feito nos últimos meses.

— Sim, senhor. Virei antes do sol se levantar, pois não quero que me vejam indo embora, velho!

— Por que?

— Não quero ser motivo de risos e gracejos de ninguém,

— Não direi a ninguém que estará indo embora e todos pensarão que só estará indo a outra aldeia.

— Assim está bom para mim, velho! Agora vou para casa buscar as minhas roupas que mamãe já deve ter arrumado. Posso deixá-las aqui, não?

— Não te.

— Pode sim, Saied. Se quiser venha dormir comigo esta

— Logo estarei de volta velho!

— Espero por você antes do jantar, minha criança.

Saied foi para sua casa e contou a mãe que ia ficar com o velho aquela noite e partiria logo que amanhecesse.

— Você sentir sua falta meu filho!

— Também vou sentir a sua, mamãe. Afinal é a pessoa que realmente me ama.

— E como o amo Saied! Você não teve culpa por ter nascido numa noite tão horrível como aquela.

— Pena que meu pai não pense assim mamãe. Até meus irmãos estão me batendo quando tento brincar com seus amigos.

— Eu já os repreendi, mas de nada adianta eu falar pois só ouvem seu pai e ele não faz nada para impedir que isto aconteça.

— Onde estão minhas roupas, mamãe?

— Ali, naquela sacola Saied. Lá dentro estão todas as moedas que você ganhou nestes últimos anos trabalhando para o velho.

— Fique com elas mamãe. Eu as dei a senhora!

— Você sabe que não preciso delas, Saied. Se as guardei, foi para quando este dia chegasse. Saiba usá-las e durarão por muito tempo meu filho.

— Obrigado, mamãe. Tenho algo para a senhora.

— O que foi que você me trouxe desta vez? Sempre me traz algum presente Saied!

— Vou apanhá-lo para a senhora.

O menino foi até sua mãe e retirou debaixo dela uma trouxa e a desembulhou, dando a mãe alguns pedaços de tecidos.

— Como são lindos meu filho!

— São todos para a senhora. Eu mesmo os escolhi!

— Você é o melhor dos meus filhos, Saied.

— E a senhora é a melhor mãe do mundo. Quando eu estiver longe daqui vou chorar de saudades da senhora.

— Não é muito nova, mas talvez seja mais fácil para você, pois apesar de velha, ela conhece muito bem os homens e pertenceu a uma família com crianças que a usavam. Assim, ela não estranhará um menino como você e o obedecerá. Vamos Saied! Vá falar com ela.

— Como a chamavam, velho?

— De um nome adequado Saied. “Veioh mula” é o nome que ela atende! — exclamou o velho curador.

Depois que voltaram a casa, o velho lhe mostrou o material que lhe deu para levar consigo. Consistia de um pequeno pilão onde esmagaria suas ervas, algumas moidas de cobre, bolsas cheias de ervas, raízes, sementes e cascas, além de alguns pos que o menino já conhecia. Mais dois livros e encadernados livros, um de magias e outro de ciências tais como aritmética, matemática, astrologia e medicina.

— Estude-os com atenção Saied! Serão muito úteis a você.

— Sim, senhor.

— Como vão os idiomas que lhe ensinei nestes anos?

— Ótimos, velho! Eu os usava nas feiras das aldeias quando encontrava algum estrangeiro, era deles que eu ganhava mais moedas.

— Por falar em moedas, aqui tem uma pequena quantia delas para seu uso pessoal.

— Mãe me deu todas as que ela tinha, velho. Nunca gastou nenhuma só para guardá-las e me dar quando eu partisse. Fique com elas para o senhor, pois está muito velho e poderá precisar delas quando não puder preparar mais suas ervas.

— Não se preocupe comigo, Saied! Para cada uma que lhe dei guardei outra aqui. Portanto, tem ali a mesma quantia que sua mãe lhe deu.

— Sabe velho, minha verdadeira mãe morreu quando nasci e tive uma verdadeira mãe em minha tia. Meu pai não ficou para mim e tive no senhor alguém melhor que um pai. Posso ser triste e calado, trazer mágoas no peito e lembrar das ofensas de meu pai e irmãos, mas tenho duas pessoas que amei muito e sempre amarei, mesmo indo para bem longe daqui.

— Também sinto o mesmo por você, Saied. Jamais o esquecerei e continuarei a orar por você até o fim dos meus dias. Agora vamos comer uma deliciosa refeição que lhe preparei. Assim não poderá dizer que saiu deste vale sem uma deliciosa refeição.

— O senhor é o melhor mais bondoso que há em todo este vale e no mundo, velho!

— E você o melhor filho dos que nunca tive e o mais sábio e inteligente dos discípulos que já se foram depois de aprenderem comigo. Venha, vamos comer!

Os dois continuaram conversando durante a ceia e até tarde da noite. O velho curador lhe lembrava tudo que havia lhe ensinado sobre como ser um bom curador e se conduzir como homem.

— Seja sempre observador, não ser curioso, esperto, não ser matreiro, astuto, não ser soberbo, e sábio e inteligente sem ser preciso provar que os é.

— Sim senhor.

— Aprenda também a confiar desconfiado e a desconfiar.

— Sim senhor.

— Não confie em ninguém até conhecê-lo bem, mas não deixe de confiar num amigo conhecido. Não revele seus conhecimentos a quem não se revetará antes a você. E não durma com os dois olhos fechados quando estiver num lugar hostil ou entre pessoas pouco amigas. É preferível viajar vários dias e noites sem dormir, que dormir em qualquer lugar e nunca mais acordar para a sua longa viagem.

— Sim senhor.

— Para onde irá?

— Não sei. Primeiro vou até as três aldeias vender as ervas que o senhor me deu e entregar algumas encomendas, depois escolherei uma direção e irei em frente. Caso eu parta, avisarei nas aldeias que venham procurar com o senhor suas ervas medicinais, assim venderá muitas ervas e recuperará suas moedas que vou levar comigo.

— O meu mestre fez o mesmo por mim sábio! É um costume dos mestres e eu sigo fielmente. Além do mais, preciso de muito pouco para viver com minha horta supre quase tudo que preciso para comer. Lembre-se disso para que não faça de seu trabalho um benefício dos doentes uma forma de tomar deles as suas últimas moedas, pois um doente, além de não poder ganhar nada, ainda precisa de alimentos para se curar e não só de ervas. Então se você lhe tirar todas as moedas, só restará a ele as suas poções e elas sem uma boa alimentação, não curam doença alguma. Compreendeu bem o que é ser um mestre curador, Saied?

— Sim, mestre Zandor Kharkh.

— Então vamos dormir pois já é muito tarde.

Eles deitaram-se sobre esteiras no chão e logo adormeceram. Mas na casa do pai de Saied sua mãe chorava baixinho e ouvia ofensas do marido por estar chorando.

— Já lhe disse muitas vezes para não chorar quando ele não vir para casa. Não sei porque se preocupa com ele, pois nunca foi um bom filho.

— Choro porque o amo, meu marido! — exclamou ela, ocultando a fuga do filho.

— Pois seria bom que ele não voltasse mais a esta casa. As vezes sinto tanto ódio dele, que tenho vontade de matá-lo pelo mal que nos causou. Por que não morreu ele também naquela noite?

— Você não sabe o que está falando meu marido. Culpa pela morte dos seus filhos e esposa um filho seu que só chorava por ele vindo a luz numa noite como aquelas.

A discussão continuou até que ela nada mais falou e ele cansou-se de xingar o filho e repreendê-la por amor.

No dia seguinte a aldeia ainda estava silenciosa quando Saied partiu. Abraçou comovido o velho curador e chorando disse-lhe:

— Obrigado, meu verdadeiro pai. Adeus!

— Adeus meu filho, o melhor dos que nunca tive. Não vou encontrar outro igual a você nesta aldeia, mas mesmo que eu encontre, será então o meu segundo melhor filho, você será o primeiro.

O pequeno Saied, com apenas onze anos pegou as rédeas da velha mula e caminhou sem olhar para trás. A muia ia bem carregada, pois o velho mestre lhe dera muitas coisas que certamente iria precisar.

Tendo o Tempo Como Aliado

Saied já estava longe, quando os moradores da aldeia começaram a sair de suas casas. Sua mãe veio até a casa do velho na esperança de ainda encontrar o filho, mas encontrou só um homem velho e triste sentado na sala e com os olhos cheios de lágrimas.

Como ela chorava muito, ele ainda encontrou palavras para consolá-la. Pouco a pouco ela foi acalmando-se, enquanto o ouvia. Antes dela voltar para sua casa, ele lhe deu algumas ervas e recomendou que as tomasse antes de se deitar, pois assim dormiria logo e não ficaria chorando a partida do filho.

— Talvez ele volte, velho!

— Saied não voltará minha filha.

— Como pode ter certeza de que não voltará?

— Ele não olhou para trás uma vez até sair da aldeia, e mesmo depois só parou para apanhar algumas ervas e sementes que viu à beira da estrada. Se fosse voltar teria olhado!

— Por que ele apanhou as ervas e sementes?

— Ele já é um ótimo conhecedor delas e onde encontrá-las, vai colhê-las, não se preocupe com ele pois saberá se cuidar.

É um menino mais inteligente que a maioria dos de sua idade e muito mais maduro também.

— Isto é por causa do tratamento que recebeu do seu pai e dos irmãos. Mesmo ele não sendo meu filho, procurei ser mais que uma mãe, fui uma amiga para ele.

— Quanto a mim, mais que um amigo, procurei ser um pai para ele. Ensinei-lhe muitas coisas, mas a principal foi fazê-lo compreender que não deveria odiar ninguém por pior que fossem com ele.

Os dois ficaram conversando mais um pouco e logo ela voltou para sua casa. Já não estava desesperada, apenas sentia tristeza por saber que nunca mais o veria. Saied seria de agora em diante só mais uma recordação para ela e o velho. Quanto aos irmãos e ao pai, somente iriam notar a ausência do ente pouco apreciado depois de muitas semanas.

Enquanto isto Saied visitava as aldeias vizinhas e vendia suas ervas, comprava alguns alimentos e roupas para o inverno que viria logo. Passava as noites numa gruta nas montanhas. Lá cozinava sua comida simples e também suas ervas, esmagava raízes e fazia os preparados novos aprendidos no livro do mestre.

Manteve os mesmos dias de visita às aldeias, e agora as poucas moedas que ganhava eram todas suas. Quando ganhava algum animal doméstico de maior porte, trocava-o por algo que lhe fosse útil. Tinha em sua gruta panelas, tigelas, colheres de madeira e muitas outras utilidades. Ganhou um filhote de cão pastor e o levou para lá. Era a sua alegria conversar e brincar com o cãozinho. Já tinha mantas de pêlos de carneiro, de couro e até roupas novas.

O inverno chegou e o pequeno Saied tinha alimentos para passá-lo sem preocupações. Como nesta época não haviam feiras, ele dedicou-se a estudar os livros do velho curador. Os cabelos não foram cortados e chegavam até seus ombros. Apanhou grandes quantidades de cascas e raízes medicinais e encheu suas sacolas com elas. Já tinha se decidido. Assim que o inverno terminasse, venderia tudo nas aldeias e iria para o sul onde conheceria novas aldeias e novas pessoas. Foi o que fez e vendeu tudo rapidamente pois dizia que só faria mais uma visita e depois quem quisesse teria de ir até o vale ao norte para adquiri-las com o velho curador.

Assim que vendeu tudo, comprou uma outra mula e uma cela. Assim Saied iniciou sua longa jornada. Levava seus utensílios, duas mulas e um cão pastor além de um punhado de moedas. Havia lido várias vezes os dois livros e o formulário. Se não podia se considerar um sábio, ao menos sabia mais do que qualquer criança na sua idade. Parava a todo momento para colher suas ervas, cascas e raízes. Ia refazendo seu estoque de medicamentos à medida que caminhava. Duas semanas depois, chegou a uma grande aldeia e lá procurou pela feira. Quando a encontrou, estendeu suas ervas num canto e ficou à espera de algum possível comprador. Passou-se o dia todo e só um velho sacerdote lhe comprou alguns chás digestivos, depois de conversar longamente com ele.

Como na feira era dia, voltou no dia seguinte ao mesmo lugar que ocupara no dia anterior e ficou à espera de algum possível comprador. Novamente o único comprador foi o velho sacerdote que lhe perguntava para que servir suas raízes. Se no dia anterior perguntara sobre as folhas, agora eram as raízes o motivo de sua curiosidade.

Depois que ele saiu, Saied não vendeu mais nada. Esperou até que todos os outros vendedores fossem embora para começar a recolher suas ervas.

E no dia seguinte voltou ao mesmo lugar e ficou à espera de algum cliente. As horas passavam e nada das pessoas comprarem suas ervas. Muitos olhavam com curiosidade, mas comprar, nada. Os outros vendedores já começavam a recolher suas mercadorias, quando o velho sacerdote chegou.

Só estava esperando pelo senhor antes de ir embora irmão! —exclamou feliz Saied.

— Vejo que tem uma grande variedade de sementes, Saied. Onde as consegue?

— Apanho nos campos, bosques ou jardins, irmão.

— Quê! delas você recomenda que eu dê a uma criança com muito vômito?

—Esta aqui. Mas só esmague uma de cada vez e coloque para ferver num pouco d'água igual ao que cabe nesta taca aqui. Dê uma assim que chegar a sua casa e outra duas horas depois. Assim que o vômito cessar, então dê um chá com estas ervas aqui para limpar todo o intestino dele e depois dê um pouco de leite de cabra que estará totalmente curado.

— Dê-me o que preciso para a criança ficar boa Saied, e me fale para que servir todas essas outras sementes, pois posso vir a precisar delas.

O menino Saied começou a falar de suas sementes com entusiasmo ao velho irmão islâmico. Quando o velho sacerdote se deu por satisfeito, despediu-se de Saied. E no dia seguinte pediu um preparo e novas perguntas. E no dia seguinte pediu um pouco e novas perguntas.

Mas no dia seguinte o velho sacerdote não veio. E Saied nada vendeu. Foi assim por três dias, mas no quarto etc voltou e Saied ficou todo feliz e sorridente quando o viu.

— Corno vai Saied?

— Muito bem imã! Mas agora estou feliz pois posso conversar com alguém.

— Já tornei muito o seu tempo conversando sobre as ervas. Já sei para que servem quase todas, Saied!

— Cothi urnas que encontrei ao acaso e ainda não lhe falei sobre os poderes curativos delas. São Ótimas para mulheres que não seguram os filhos no ventre e os perdem logo que engravidam.

— Como você sabe de tudo isso, Saied?

— Apreendi com o meu mestre curador. E tão idoso quanto o senhor.

— Como se chamava ele?

Ainda se chama Zandor Kharkh, pois está vivo.

— Por que o abandonou tão jovem?

— Tive que fazê-lo, imã! Eu já não suportava mais continuar a ser humilhado até por meus irmãos. Ou eu saía pelo mundo, ou acabaria respondendo as ofensas. E como o velho dizia que nunca devíamos fazer tal coisa, preferi sair.

— Você não vendeu muita coisa desde que chegou a esta cidade, não é mesmo?

— So o senhor comprou de mim, Imã!

— Isto não o deixa triste?

Por não vendê-las? Não, pois é sinal que todos têm uma boa sorte neste lugar.

— Corno pode ter certeza de que são saudáveis?

— Meu mestre ensinou-me que eu deveria expor meus produtos num lugar movimentado e ficar sete dias no mesmo local. Se ninguém, depois de ver minhas ervas comprasse nenhuma delas ou é porque não confiam nas ervas, ou em mim, ou não estão doentes. Prefiro acreditar que não há ninguém doente. E melhor pensar assim porque não me entristecerei e terei coragem para ir vendê-las em outra aldeia.

— Mas já passaram de sete dias, Saied!

— Eu sei, mas do sétimo em diante o senhor não voltou, e fiquei esperando aqui até hoje novamente.

— Por que?

— Para devolver-lhe suas moedas.

— O que disse seu mestre sobre isto?

Quer saber mesmo?

— Estou curioso, Saied!

— Born, ebe disse-rne: Saied, se durante os sete dias não vender nada, vá para outro lugar, mas se so urna pessoa lhe comprar algum dos seus medicamentos, então lhe devolva o dinheiro, pois suas ervas não curaram a doença dele e por isto ele não falou das boas qualidades dos seus preparados. Por isso ninguém mais o procurou e você deve devolver o dinheiro do único que confiou neles. Se assim fizer, nunca se envergonhará das moedas que usa para se vestir ou alimentar

— Agora que estou com a consciência tranquila posso ir, sei que nesta cidade ninguém ficará pensando mal de mim.

— Por que você não anunciou as propriedades dos seus medicamentos?

— Meu mestre sempre dizia: Saied, um medicamento não é uma roupa ou outro artigo qualquer que se o comprador não gostar, pode jogar fora. Ele, depois de ingerido, fará o seu trabalho e so sairá com o tempo, tudo naturalmente. Portanto, so venda para quem realmente estiver doente e não para os que, ouvindo gritar que tal coisa é boa para tal mal, irão se suggestionar e pensarão que estão doentes. Em verdade, só estarão suggestionadas e o medicamento irá ser prejudicial a elas. Para finalizar ele dizia: Lembre-se que você vende algo que estará devolvendo a saOde as pessoas e não uma bota de couro ou um casaco de pele de lobo. Portanto, muito cuidado!

— Muito sábio o seu mestre!

— Eu também acho, irmã.

Enquanto conversavam, Saied havia recolhido suas coisas e agora as cobocava no bombo da mula vebha.

— Bem, adeus irmã e descubpe-rne se o que receitei não foi born. Espero que não guarde mágoas por eu ter falhado com a saúde dos que o senhor deu meus medicamentos.

— Eles não falharam Saied. Fique mais um dia e quem sabe venda algumas de suas ervas! Vou partir assim mesmo irmã.

— Por que, se estou lhe dizendo que não falharam!

porqUe não as tirou de quem em você confiou e flão ficou satisfeito com o resubtado obtido.

— Seu mestre é um homem incomum, Saied.

— E sim, irmã. Aqui estão as suas moedas de volta e peço desculpas por não ter correspondido a sua confiança.

— Vai embora?

— Para mim é como se tivessem falhado, pois o senhor não falou para ninguém que eu tinha bons medicamentos e assim prefiro continuar pensando que não ha doentes nesta aldeia.

— Está vendo aquele homem ali?

— Sim, senhor. Ele fica todos os dias no mesmo lugar ate que todos os mmercadores tenham ido embora.

— Fui CU quem o colocou au so para que não vendesse suas ervas enquanto nao provasse conhecer realmente a utilidade delas.

— Por que o senhor me provou?

— Já tivemos muitos charlatães por aqUi e pessoas morreram ao tomarem suas drogas falsas ou de ma qualidade.

— O meu mestre me falou dessas pessoas.

— O que disse seu mestre sobre isto?

— Ele falou-me que Se estas pessoas soubessem a extensão dos seus erros, m vezes pediriam perdão a Ala, pois mu vezes serão castigados por comercializarem com um bern t importante, que é a saúde.

— Você também será um mestre no futuro, Saied. Volte amanhã e venda suas ervas, pois o meu guarda não estará aí para afastar as pessoas de você e suas ervas. Até amanhã Saied!

Até lá irmã, obrigado por ter me aprovado.

— Agradeça ao seu mestre, pois foi graças ao que você aprendeu com ele que eu o aprovei.

Desta vez o guarda acompanhou o velho irmão E Saied sorriu. Astutamente fingia não ver os sinais que o homem fazia aos que se aproximavam de suas ervas. Sabia que estava sendo provado pelo sacerdote e tratou de mostrar-lhe que realmente aprendera com um mestre de verdade e não com um charlatão.

Não só no dia seguinte, mas todos os dias dali em diante, Saied vendeu suas ervas, cascas, raízes e pós preparados aos moradores daquela cidade.

Ficou ali por quase um ano e antes de partir foi despedir-se do velho irmão.

— Por que vai embora se aqui todos gostam de você e confiar nas suas ervas?
grande.

— Quero ver o que há ao sul, irmão!

—Porque?

— Ainda sou muito novo e minha curiosidade é muito

— Poderia ficar aqui mesmo, estabelecer-se numa casa e viver tranquilo pelo resto de sua vida. Viajaria de vez em quando e conheceria muitos outros lugares.

— Já venho pensando em tudo o que o senhor está dizendo há dias e não me decidi, portanto vou viajar mais um pouco, Caso não aprecie o que encontrar, volto para cá.

— Não vou convencê-lo, não é mesmo?

— Já me decidi, irmão! Vou em frente.

— Então me tire uma dúvida, Saied! Você sabia que eu o provava quando aqui chegou?

— Sim senhor. Eu vi o homem mandar as pessoas se afastarem de mim.

— Por que ficou a espera de mim quando passei três dias sem aparecer?

— Eu não era um charlatão e portanto não devia temer o seu julgamento sobre mim. Muito pior seria se eu tivesse isso embora só por impaciência, pois aí eu estaria negando tudo o que meu mestre me ensinou e que acredito ser verdadeiro.

O que mais seu mestre lhe disse?

— Ele disse-me que quando minha idade fosse um empecilho, minha paciência seria minha única arma e o tempo, meu aliado.

— Você teve um bom mestre Saied!

— Eu sei disso irmão! Só espero ser um bom discípulo dele.

— O tempo é seu aliado, não?

— Sim senhor. Adeus irmão!

— Adeus Saied!

No dia seguinte, bem cedo, Saied juntou-se à caravana que viajaria para o sul. Deu as moedas ao caravaneiro e tomou seu lugar. Era o cithirno da grande fila. Levava muitos medicamentos em sua bagagem nas mulas e montava um cavalo até que bonito, se bem que não era muito novo. Levava uma tenda onde se abrigaria nas longas noites em que dormiriam à volta de uma fogueira.

Procura-se Um Discípulo

Kaled Saied, agora com quase treze anos e um cabelo que chegava aos ombros, era um rapaz tímido. Jamais olhava para trás.

Viajavam sem pressa e assim etc olhava desordenadamente toda a paisagem por onde passavam. Quando acampavam, armava sua tenda e guardava nela suas mercadorias, depois ia tratar dos seus animais, para só então comer. As vezes chegava perto das rodas de homens a conversar, sentava-se próximo e ficava ouvindo suas histórias. Divertia-se com o modo como narravam suas aventuras.

Assim foi por dois longos meses até chegarem a uma cidade totalmente diferente para Saied. Alguns ficariam ali, mas a grande maioria continuaria mais para o sul. Saied os acompanhou e estendia a cada dia, mais um pouco da tina do seu mapa. Todas as vilas, aldeias e cidades eram anotadas por etc.

Como não podia ficar dois dias na cidade, etc resolveu vender um pouco de suas ervas, e por isto afastou-se um pouco do local onde estava acampada a caravana. Encontrou uma rua que parecia uma feira e estendeu sua esteira, colocou suas ervas e sentou-se ao lado, como de hábito. Logo formou-se uma roda de pessoas a sua volta e ele começou a vendê-las. Havia aprendido com o velho curador a falar o idioma dos hindus. Tinha algumas dificuldades, mas o que sabia era suficiente.

— Como tem gente doente nesta cidade! — murmurou em seu idioma.

— Muito mais que imagina, rapaz! — falou alguém ao seu lado.

—o senhor não é daqui?—perguntou Saied.

— Não. Mas estou estabelecido aqui há muitos anos. Como se chama, rapaz?

— Kaled Saied. E o senhor?

— Kassim é meu nome. Sou cirurgião e dentista, rapaz!

— Muito prazer, senhor Kassim. Precisa de algum dos meus medicamentos?

— Você parece entender muito de ervas, não?

— Um pouco, senhor! Com licença, pois tenho que atender meus fregueses.

— Fique a vontade Saied! Incorpora-se se ficar aqui?

— Não, pois estamos num lugar público!

E Saied continuou com suas ervas. Quando a tarde chegou, ele já havia vendido boa parte delas. O homem chamado Kassim continuava ali ao seu lado, olhando o modo como o comerciante de ervas. Em dado momento, perguntou:

— De onde vem, Saied?

Ele tirou a folha do embranal pendurado no pescoço e mostrou ao homem. Este muito admirou-se com a distância percorrida.

anos.

— Vern de muito longe, Saied!

— E sirm! mas ainda you mais para o sul.

— Vai corn sua família?

— Viajo so, senhor Kassirn. Não tenho família ha rnuitos

— Onde aprendeu sobre estes medicamentos?

— Corn urn velho curador.

— Não quer ficar urn pouco por aqui? E urn lugar ótirno para vender suas ervas.

— Ouvi falar rnuito sobre uma grande cidade que ha rnais para o sul e quero conhecê-la.

— Poderá fazer isto mais para a frente, assim poderia aperfeicOarse no idiorna local e conhecer esta cidade que também não é pequena.

— Acho que não, senhor Kassirn.

— Por que não? Você conhece muito sobre os medicarnentos e aqui poderá ganhar urn born dinheiro corn eles. Eu Os comprarei e outros corno eu, Os comprar também.

— Acho que you em frente, senhor Kassim.

— Vamos ate minha casa e rnostrarei a você o que faco. Eu o ajudo a recolher suas ervas.

— Está certo, rnas não garanto ficar aqui nesta cidade, de acordo?

—De acordo, Saied!

Quando chegararn, o hornern levou o cavalo e as duas rnulas de Saied ate urn cercado e os prendeu corn todas as rnercadorias no lornbo.

Preciso ir logo para o acarnpamento, senhor Kassim!

— Logo terá visto o que tenho para ihe rnstrar Saied.

Entrararn na casa e Saied ficou irnpressionado corn o luxo dela.

—Tudo é muito bonito nesta casa, senhor Kassim!

—Poderá desfrutar disso tudo, caso una-se a mirn, meu rapaz! Viverá aqui também!

—Nunca morei nurn lugar assim. Acho que não you me acosturnar a tanto luxo.

— Isto nOs saberernos, caso você aceite ficar cornigo. Venha conhecer minha sala de trabalho, Saied.

E Saied viu a sala onde o homem praticava sua rmedicina de luxo. Ele possuía instrumentos desconhecidos e IncornpreensIyejs para a rnente sirnples de uma pessoa acosturnada a manipulacao de ervas.

— Onde o senhor aprendeu a lidar corn estes instrumentos, senhor Kassirn?

— Eu estudei na Persia, Grécia e Egito. Tive os melhores mestres desses países, Saied. Quando me fornei, resolvi vir para cá pois ouvia lendas incrIveis sobre estas regiOes e seus povos. Já fui ate o Tibete, China e Mongolia, conheci ate o outro lado do mundo.

Conheci tudo, desde a península até a costa chinesa. Você já viu um amarelo de olhos rasgados?

— Só ouvi falar deles, mas ver, isto nunca!

— Pois devia vê-los. E as mulheres, então! São tão delicadas e leais que deixam qualquer um impressionado.

— O senhor deve ter viajado muitos anos então!

— Viajei por quinze anos Saied. Meu pai era muito rico e deu-me essas condições. Quando tinha a sua idade eu já falava vários idiomas e vivia no meio dos mestres a estudar. Quando não tinha mais nada a estudar com eles, fui ao Egito e vivi três anos entre os seus sacerdotes, pois lá o saber está oculto nos templos. Depois fui à Grécia e passei mais dois anos, tendo como mestres alguns dos melhores médicos cirurgiões. De lá em diante não parei mais, até chegar a esta cidade. Viajei por toda a Europa. Conheci a Iberia, a Norrmândia e a Bretanha. Em Marseilha eu iniciei uma viagem que durou cinco anos, indo até à terra dos mongóis. De lá desci até à costa amarela e conheci o luxo e o esplendor dos chineses. Voltei por dentro e conheci o místico Tibete, que está sob domínio chinês, e fiquei um ano vagando entre aquele povo. Quando me cansei deles, vim para o sul e conheci toda a terra dos hindus. Quando cheguei a esta cidade, resolvi me estabelecer em definitivo, pois já estava com quarenta anos e satisfeito com a minha curiosidade. Comecei a praticar a minha medicina e logo conquistei o respeito da casta dominante e ganhei fortuna cuidando deles. Hoje estou com sessenta anos e procuro um discípulo que seja o depositário da minha medicina. Tenho esposa e uma filha com dezesseis anos, mas sinto sozinho, pois não encontro um discípulo à altura. Quando vi você manuseando aquelas ervas com tanta sabedoria, imaginei ter finalmente encontrado alguém em quem eu pudesse depositar parte do que sei.

É interessante, senhor Kassim! Eu me pareço com o senhor em muitos aspectos. Gosto de aprender e viajar. Só não tive um pai rico e muito menos um pai, mas já percorri um bom trecho de terras e pretendo chegar ao sul deste continente,

ouvi os caravaneiros dizerem que lá existe um fabuloso templo onde, no topo de uma coluna de pedras, está depositado um sabre dourado e quem conseguir tirá-lo de lá terá um grande reino e uma vida emocionante.

— Já estive no tal templo Saied. Vi a coluna e é impossível de ser escalada. É tão lisa quanto este piso e tão justa quanto uma muralha. Além do mais, ninguém tem certeza de que mesmo o tal sabre dourado.

— Pois eu vou chegar até esse templo e tentar alcançar o meu sabre dourado e conquistar um grande reino.

— Sonhos, Saied! Isto são sonhos de um rapaz que quer conquistar o seu lugar no mundo. Mas garanto-lhe que é impossível escalar a tal coluna. Vi vários rapazes cair (10 metros e se espatifarem no piso de granito, após terem subido muitos metros pela coluna.

Pois eu preciso conhecer este templo e tentar, senhor Kassim! Só assim me darei por satisfeito. Se eu não conseguir alcançar o topo da coluna, então eu volto e fico com o senhor.

— Façamos um acordo Saied. Você fica aqui nesta casa e aprende comigo a minha medicina, enquanto colhe suas ervas. Se não gostar do que tenho a oferecer, continuará sua viagem em ruína, mas se gostar, na primavera do próximo ano iremos nós dois ao tal templo para que veja com seus próprios olhos que é impossível alcançar o topo da colina. De acordo?

— Posso pensar um pouco senhor Kassim? Pelo menos até amanhã?

— Está certo Saied! Mas espero que fique comigo pelo menos até o ano que vem. Se ficar, então aprenderá tantas coisas que será um dos maiores sábios curadores do mundo.

— Está certo, senhor Kassim. Vou voltar ao acampamento pois sen ficará escuro e não saberei como chegar a ele, pois ainda não conheço muito bem esta cidade e suas salidas.

— Antes venha conhecer minha família.

E Saied conheceu a esposa e a filha do senhor Kassim. Ambas eram muito bonitas. A esposa era uma hindu pura, mas a filha já era uma mistura de árabe e hindu. Era muito bonita a moça e Saied ficou olhando para ela alguns instantes antes de dizer-lhe algo. A primeira coisa que disse foi um elogio nada sutil.

— Puxa como você é bonita! Não pretendo me casar nunca, mas se eu resolver mudar de ideia, pode ter certeza que a procurarei para casar-se comigo.

Então ficarei esperando por você até que se decida a mudar de ideia, está bem? — respondeu ela sorrindo com a ousadia do menino bem mais novo.

— Está certo. Escalo a colina do templo, apanho o sabre dourado, conquisto um reino e depois a tomo minha princesa!

— Quem é esta figura, papai? — perguntou ela sorridente ao pai.

— Este é Kaled Saied, o maior herborário que já conheci,

— Não acha que ele é um pouco ousado para a sua idade?

— Talvez! Saied irá ficar morando conosco de agora em

— Não! Eu vou ter que aguentar um menino tão tolo como este nesta casa?

— Saied não é tolo, minha filha. Apenas é sincero nas palavras.

— Então comece a ensiná-lo a ser mais discreto e pensar antes de falar, senão, logo iremos ficar de mal.

Isto não acontecerá nunca, pois vou com minha caravana para o sul amanhã à noite e talvez eu nunca mais volte a vê-la! — falou Saied ofendido com as palavras dela.

— Viu como o meu mestre tinha razão? Se tivesse compreendido o que eu disse, talvez eu voltasse após alcançar o sabre dourado e conquistar um reino, e neste caso eu resolvesse me casar. Agora já sei que não preciso me preocupar com você pois sei que será pura perda de tempo. Se eu fosse falso, certamente não diria o que pensa sobre mim e eu poderia ficar iludido e começar a sonhar com você, que é muito bonita.

— Está bem crianças! — interveio o senhor Kassim — Já se conheceram o bastante por hoje. Venha Saied, vou lhe mostrar o seu quarto.

— Obrigado senhor Kassim, mas tenho que voltar a caravana pois tenho minha tenda armada no acampamento. Caso eu me decida a ficar, procuro o senhor amanhã.

Pouco depois Saied saía da luxuosa morada do senhor Kassim. Ele o acompanhou até o grande portão da entrada e ficou observando o jovem se afastar sem ao menos olhar para trás. Quando Saied dobrou a rua, o senhor Kassim comentou

— Ótimo! Assim não terei que ouvir seus sonhos de conquista de um reino e muito menos suportar sua impertinência.

— Pois eu lhe digo uma coisa senhorita. Meu mestre ensinou-me algo um dia. Ele me disse o seguinte: Saied jamais fale, mas se tiver que fazê-lo só diga o que sentir, pois assim, se for incompreendido, será pelo que disser de verdadeiro e se o compreenderem, então já terá conquistado um coração, pois sabem o que se passa no seu e isto tornará as coisas mais fáceis.

Ótimo, Saied! Foi incompreendido por mim.

Só sei isso?

É assim, diante.

— Onde está acampada a sua caravana?

— Ao forte da cidade.

— Quer que eu o acompanhe até lá?

Obrigado!

— Eu marquei bem o caminho e não me perderei, para si mesmo: “Ele não voltará, se tivesse a intenção olharia para trás uma vez pelo menos. Tenho que tomar providências para retê-lo nesta cidade. Estão acampados ao forte, não? Vamos ver o que POSSO fazer por você Saied, meu novo discípulo”.

Kassim entrou em sua casa e pouco depois saía a cavalo rumo ao forte. Chegou antes de Saied ao acampamento e procurou o chefe da caravana. Quando o encontrou, convidou o a acompanhá-lo para um lugar afastado onde pudessem conversar sossegados.

Pouco depois o senhor Kassim passava as mãos do caravaneiro uma bolsa de moedas de ouro. A seguir voltava a sua casa. Chegou alegre e a esposa perguntou-lhe:

— Onde foi que saiu tão apressado?

Fui impedir que Saied fosse embora com a caravana.

— Porque?

— Quero-o comigo.

— Para que? Não viu que de vez em quando outras idéias que o conduzem? Já perder seu tempo mais uma vez.

— Ainda assim devo tentar, pois Saied é muito inteligente e conhece muito sobre as ervas e as doenças. Eu fiquei boa parte do dia observando-o, vi quando alguém julgava ter uma

doença e ele dizia que não era aquela, e recomendava um preparado para a verdadeira doença. Não sei quem foi seu mestre, mas deve ter sido um grande sábio curador.

— Ainda acho que perderá o seu tempo.

— Se vier a perder, paciência!

Ele ficou meditando em como atrair o jovem assim que soubesse que a caravana partira sem ele.

E por não suspeitar o que pretendia o senhor Kassim, Saied acreditou no chefe da caravana quando ele lhe falou:

— Vamos ficar aqui mais alguns dias, Saied.

— Por que tanta demora?

— Tenho algumas coisas a acertar antes de iniciar a jornada, pois daqui para a frente é muito perigoso. Há muitos bandos de salteadores sanguinários que atacam as caravanas e matam todos. Os seus membros só para roubar as mercadorias e os animais. São muitos maus estes bandidos e tenho que conseguir homens que possam nos defender.

ervas.

— Assim é melhor pois poderei vender todas as minhas

— Foi tão bom assim o seu dia?

— Melhor do que eu esperava, chefe! Em uns três dias venderei tudo, pois nesta cidade existem muitos doentes. Acho que não tem bons curadores por aqui.

— Por que não faz sua fortuna nesta cidade e depois vou ao sul na caravana do ano que vem?

— Primeiro vou até o extremo sul. Só então verei onde vou ficar.

— Esta é uma das melhores e mais ricas regiões do Império. Não conheço outra tão bonita como esta e com uma flora tão exuberante. Nela você colherá todo tipo de ervas que precisar.

— Quem sabe eu volte algum dia a esta cidade e me estabeleça em definitivo.

chefe.

— Algum motivo especial? — perguntou malicioso o

— Sim, muito especial!

— Alguma moça bonita?

— Oh, não, não! É que aqui todos parecem sofrer de algum tipo de doença e poderei ajudá-los com meus remédios. Alguns anos por aqui e curo todas estas pessoas.

— Você não tem jeito mesmo, Saied! Só pensa em acabar com as doenças!

— É o que meu mestre me ensinou, chefe! Não posso mudar meu modo de ser.

— Acredito em você Saied. Certamente acabará com todas as doenças do mundo, mas existem algumas que precisam de algo mais que ervas. Para conseguir tratá-las, precisa mexer no corpo dos doentes, Saied. Já pensou nisso?

— Sim, senhor.

— E então?

—Um dia eu acabo aprendendo isto também. Mas ainda sou muito novo e tenho que viajar um pouco mais. Quero ir ate o sul para me dar por satisfeito. Agora vou para minha tenda preparar ervas que venderei amanhã. Com licença chefe!

Saied foi cuidar dos seus animais e suas ervas. So então foi preparar sua refeição.

No Templo dos Monges Tibetanos

No dia seguinte, mal amanheceu e ele já voltava ao mesmo lugar do dia anterior para vender suas ervas.

Por volta do meio dia já recoihia a esteira e voltava para o acampamento buscar o que ainda lhe restava. Colocou tudo na mula velha e voltou ao mesmo lugar. Quando a noite veio, Saied estava muito feliz pois acabara com quase tudo.

— Se a caravana não for partir logo, irei colher mais nos campos e na floresta. Agora não tenho quase nada e um comerciante como eu sem ervas, não é ninguém!

Assim que chegou ao acampamento falou com o chefe e ficou sabendo que não partiriam no dia seguinte e nem no outro. Talvez em três dias, mas não antes disso.

— Ótimo chefe! Vou sair a procura de mais ervas e levarei minha tenda para o caso de não conseguir voltar amanhã e ter onde dormir. Mas não parta sem mim, está certo?

— Fique tranquilo Saied. Não o deixarei para trás, pois seria muito arriscado para você seguir viagem sozinho. Não saberia o caminho e poderia ser morto pelos salteadores.

— São tão cruéis assim?

—Mais do que imagina. Costumam degolar suas vítimas e atirar seus corpos aos crocodilos, para não deixarem provas dos seus crimes. São muito mais cruéis com estrangeiros como nós, Saied!

— Então não vou colher ervas nesta região pois pode ser muito perigoso.

— Pode ir tranquilo, se não se afastar mais de uns vinte

